

# REFLEXÕES

OYANARTE PORTILHO\*

Instituto de Física - Universidade de Brasília - UnB  
Brasília-DF

## Abstract

*Faz-se um apanhado de algumas argumentações contra e a favor da existência da Divindade e da alma, e discutem-se suas implicações em relação a uma percepção coerente da vida e do Universo do ponto de vista ético-moral. Na opinião do autor, a abordagem teísta com múltiplas vidas oferece uma opção que pode trazer respostas satisfatórias diante de questões intrigantes que vêm sendo levantadas desde alguns milênios.*

## 1 Nota do Editor

*O conteúdo do texto a seguir difere daquele que muitos esperariam encontrar em uma revista de Física. Entretanto, a Physicae Organum não é uma revista de Física usual. Ela é uma revista que tem, por missão precípua, o estabelecimento de uma relação próxima com alunos de graduação e pós-graduação dos Departamentos e Institutos de Física brasileiros. Nesse sentido, artigos que possam trazer considerações que permitam reflexões sobre temas que eventualmente sejam caros a este público encontram acolhida nesta Revista. O texto do professor Portilho reflete a posição religiosa dele que pode encontrar eco na posição de muitos de nossos alunos, assim como certamente representará posição diametralmente oposta a de tantos outros - como a que sustenta este editor. A Revista, por sua vez, não possui posicionamento religioso, em sentido editorial. Acreditamos que ambos os grupos terão muito a aproveitar da leitura de uma posição sincera do autor sobre o assunto, não raro anátema em círculos de alunos e professores de Física.*

Olavo Leopoldino da Silva Filho  
Editor Gerente, Physicae Organum

---

\*email: e-mail: portilho@unb.br

## 2 Introdução

A noção do divino e do sobrenatural é primitiva e possivelmente acompanha o homem desde o alvorecer da capacidade de raciocinar e de sentir emoções de forma contínua e consistente. Como tal, há quem a considere como algo ultrapassado e, portanto, inapropriado para o homem moderno, que deve, segundo esses, livrar-se de qualquer referência que possa lembrar superstição, magia, o místico ou artigo de fé, que o desloque do palpável e do passível de análise científica, ou que sirva de solução genérica para questões complexas. Entretanto a Ciência parece longe de suprir respostas a todas as perguntas que emergem na mente inquieta e perscrutante, como as clássicas “quem somos?”, “de onde viemos?”, “para onde vamos?”, ou qual seria o sentido da vida, da existência. Segundo a Ciência, o Universo veio do Nada, como uma grande explosão, ocorrida entre 13 e 14 bilhões de anos atrás. Do ponto de vista de uma das leis básicas da Física, a da conservação da massa-energia, não há nada de absurdo nisso. É como escrever a singela identidade algébrica  $0 = E + (-E)$ . A parcela  $E$  positiva representa toda a energia armazenada nas massas das partículas que constituem a matéria universal, adicionada à energia associada aos seus movimentos e aos movimentos das partículas sem massa, enquanto que a parcela negativa  $(-E)$  está basicamente ligada à energia que resulta da atração gravitacional entre todas as massas. Acontece que o Universo é algo bastante intrincado. Nem todos os detalhes de sua evolução ainda são compreendidos, como, por exemplo, a razão da imensa assimetria representada pela abundância de matéria em contraposição à escassez de antimatéria. Ou o significado da energia escura e quais são os constituintes da matéria escura. Vale dizer que percebemos o Universo através de uma estreita fresta de 5%. O restante, constituído pela energia escura e pela matéria escura, é de natureza ainda por ser desvendada. Porém o mais intrigante é entender a irrupção da vida a partir da matéria bruta. Vida que se traduz, num primeiro passo, no caso dos organismos unicelulares, em um sistema com ânimo próprio e habilidade de reprodução. Em seguida, aprimora-se a um complexo conjunto de órgãos que atuam de maneira harmônica e coordenada, como indicativo de um planejamento muito criterioso e sábio. Mais tarde, vê-se associada a consciência, vontade, determinação, inteligência, sentimento. Um salto deveras fantástico. Nessa etapa, será lícito considerar o ser simplesmente como uma máquina ultrassofisticada, resultante tão somente de evolução seletiva? Ademais, os processos que fluem no Universo interior do ser inteligente são de enredamento tal que por certo superam os do Universo material. Com a desvantagem de aparentemente não se poder contar com o auxílio da ferramenta matemática na sua abordagem, tão utilizada no estudo do outro. Em resumo, está-se diante de um fato desafiador à aptidão analítica. Do vazio absoluto e de uma singularidade primordial surgiram não só a matéria e a energia como também entes pensantes, capazes de elucubrar sobre si, de explorarem os seus “universos interiores”, e de se extasiarem diante do que os envolve. Isso sugere todo um design inteligente que processos puramente aleatórios, por si só, não parecem capazes de responder.

Outro ponto que se deve considerar diz respeito às bases da ética e da moral. Argumente-se que por certo esses princípios se desenvolveram como forma natural de se estabelecer harmonia e justiça nos relacionamentos da existência em comum. Contudo, a sua aceitação, mesmo em termos muito gerais, por algumas pessoas, não é nada pacífica. Há quem se rebele obstinadamente contra o enquadramento a atitudes de civilidade, das mais simples, de forma alucinada, prejudicando seriamente poucos e muitos. Quando aplicadas sanções previstas na lei, não é rara a produção de nenhum efeito educativo notável; nesses, o que se verifica é a reincidência continuada na maldade. Pergunte-se por que motivo, diante da

intervenção ineficaz da sociedade, tais pessoas deverão se convencer a adotarem uma mudança radical de comportamento e de visão. Se observarmos a progressão dos costumes é evidente que têm se abrandado ao longo de séculos e milênios. Seria impensável que, hoje, a população de uma metrópole pudesse assistir, como diversão, a espetáculos de carnificina numa grande arena. Antes, prevalecia o direito da força, e, no presente, busca-se o direito da razão. Em que perfeitos e sólidos fundamentos se situam os princípios da ética e da moral, capazes de arrastar recalcitrantes para a conciliação com a sociedade? Em outras palavras, que norma regula esse longo e contínuo direcionamento do Mal para o Bem, do bruto para o melhor? Em que poderosas bases se sustenta a “seta do Bem”[1])?

Postas essas questões um tanto enigmáticas, pode-se adotar a posição confortável de aceitação da realidade tal como ela se apresenta e de se dar por satisfeito. Ou, alternativamente, pode-se considerar a existência de um agente, acima do espaço e do tempo, que concebeu tudo o que existe e todas as leis que regem o Universo e a sua evolução, tanto do ponto de vista físico quanto do ético e moral. Uma referência eterna, absoluta, para o Bem, para a Perfeição, para o Amor, para a Justiça e para tudo o mais que se considere como Virtude.

Deus foi e é concebido de diferentes maneiras. Por exemplo, pode ter sido cruel, ciumento e vingativo, cuja ira deveria ser atenuada pelo sacrifício de vidas humanas, de animais, ou por penitências. Mas essas diferenças se devem às limitações da criatura diante do Criador. Tem sido mais fácil imaginá-lo com humanas emoções. Ademais, é de se supor que a criatura finita jamais poderá alcançar o Infinito, embora possa e deva estar sempre buscando dele se aproximar. Portanto, não faz sentido o posicionamento crítico de alguém pela maneira com que o outro contempla e entende a Divindade. O sábio é admitir-se que as visões são todas dignas de respeito, mesmo no caso do paganismo, e que devem ser ponderadas sem preconceitos. À medida que se avança, o entendimento se aperfeiçoa. Com que direito alguém poderá imiscuir-se numa particular relação criatura-Criador?

Por vários motivos, há quem adote posição de inteira descrença e ceticismo em relação à existência de Deus. Alguns, por enxergarem uma ampla contradição entre a suposta justiça e providência divinas e a dura realidade por que regularmente atravessa uma parcela numerosa de pessoas, envolvidas com problemas de saúde e de deficiência física ou mental, desde o nascimento, em condições materiais adversas para si e suas famílias, vitimadas por violência, perseguições e injustiças de diversa ordem, afligidas por acidentes, desastres e revezes, enquanto que uma minoria conta com todas as condições de estabilidade, apoio, conforto e demais facilidades. A questão da presença do Mal<sup>1)</sup> e dessas aparentes injustiças é de difícil compreensão se se supor que há apenas uma vida[2]). Mas se se admitir, em primeiro lugar, que existe uma essência imortal, indestrutível, para cada pessoa – a alma; que esta se aperfeiçoa em cada uma de múltiplas experiências associadas a corpos carnis – a reencarnação; que a trajetória evolutiva das almas se regula por regras estritas e precisas que proporcionam um processo pedagógico de longuíssimo prazo, baseado na “ação e reação” (lei do carma) – então o cenário se aclara e se dissolvem as aparentes incoerências e injustiças. Diante de qualquer sofrimento, a rigor, não há inocentes, por maior que seja a magnitude da violência, ressaltados os casos em que voluntariamente se submete ao sacrifício por um bem maior. Colhe-se o que se planta. A colheita pode tardar, mas não falha, adaptada às condições

<sup>1)</sup>O “problema do mal” foi possivelmente apontado pela primeira vez pelo filósofo grego Epicuro de Samos, entre os séculos III e IV a.C e posteriormente tratado por S. Agostinho e outros.

e necessidades presentes. Trata-se do embate de si para consigo, o por vezes duríssimo caminho para a conciliação e apaziguamento da consciência. Ou de indeléveis lições, para sempre incorporadas ao patrimônio íntimo. Dessa forma, o Mal surge como consequência do uso impróprio do livre arbítrio, de maneira mais ou menos consciente. Contudo, seus inevitáveis reflexos terão sempre caráter educativo para o autor.

Resta examinar a existência da alma ou espírito. Esse conceito é por certo tão antigo quanto o da divindade e, por suas raízes primitivas, também é visto como uma hipótese descartável, sem lugar no pensamento do homem moderno que vive rodeado de Ciência e Razão. Entretanto houve, em todos os tempos e culturas, quem afirme perceber espíritos ou deuses, ser intuído por eles, ser capaz de receber suas comunicações[3]), presságios<sup>2)</sup> e relatos sobre a “vida após a morte”. Por ser fenômeno de difícil controle, sujeito a fraudes, geralmente não recebe a devida atenção. Porém, alguns pesquisadores sérios afirmam que há vários casos sugestivos de reencarnação[4]). Isso certamente reforçou a iniciativa de alguns terapeutas que desenvolveram a chamada “terapia de regressão”[5]), um avanço para muito além do posicionamento de alguns próceres da Psicologia, que enxergaram na primeira infância, e mesmo da vida intrauterina, a origem de muitos traumas emocionais. Outras ocorrências consideradas como transcendentais, como as experiências de quase morte (EQM), parecem corroborar a tese de que a consciência extrapola-se à morte[6]). De qualquer maneira, a crença em Deus leva de forma coerente à crença na existência da alma. Não se pode deixar de encarar essa possibilidade diante do fenômeno da morte física. Cada qual poderá indubitavelmente certificar-se de sua veracidade, ou não, nesse momento a que ninguém se furta.

Outro motivo para a negação da Divindade se estabelece ao se considerar a fé como uma ferramenta insegura, superada, sem nenhuma validade, por apartada da razão, de se buscar a verdade. Não passaria de uma muleta, usada por ingênuos para cruzar a vida. Contudo, note-se que a fé guarda intimidade com a intuição. E que a razão, em muitos momentos de inflexão histórica, de avanço inovador, não pôde prescindir da intuição, embora esta possa eventualmente se enganar. Por exemplo, quando se defendeu, há mais de 2.000 anos, evidentemente sem nenhum lastro empírico para isto, que a matéria seria constituída de elementos básicos indivisíveis – os átomos<sup>3)</sup>. Portanto, a fé e a razão não se encontram tão distantes uma da outra como muitos podem julgar e tampouco são necessariamente incompatíveis. A fé, quando não balizada pela razão, seria, sim, cega, facilmente levada pelo embalo da fantasia e de serventia questionável. Enquanto que a razão, por si só, não satisfaz aos anseios mais transcendentais que todos alimentam, em maior ou menor grau. Ou seja, o voo é muito mais célere, profícuo e seguro com o recurso das duas asas, da fé e da razão, em ação harmônica, cooperativa – usando-se da conhecida metáfora[7]). A ideia de Deus é o apogeu da fé aliada à razão.

Mais um possível escolha está associado a uma forte repulsa à religião, que tem a fé como principal elemento, ao tomá-la como um emaranhado de crenças e dogmas, atrelada a textos sagrados contraditórios, que em muitos pontos colidem com o conhecimento científico, embora se atribua a eles origem divina. Isso não é de se surpreender, pois foram desenvolvidos numa e para uma sociedade com usos e costumes rudimentares, bem diferentes do moderno, com tecnologia primária e ciência inexistente. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que as religiões são movimentos humanos, embora busquem o divino, e, como tal,

<sup>2</sup>Como é o caso dos oráculos, que tiveram o de Delfos como o mais famoso, e em relação às mitológicas sibilas, retratadas por Michelangelo na Capela Sistina.

<sup>3</sup>Demócrito (e seu mestre Leucipo), no século IV a.C.

estão sujeitas a imperfeições e a críticas inteiramente cabíveis. Tanto em relação aos que contribuíram para os seus textos basilares, sob alegada inspiração ou não, quanto aos que firmaram ou reviram pontos doutrinários, aos que nelas assumiram posição de autoridade ao longo do tempo, ou que estão na linha de frente como sacerdotes, ministros, monges, pregadores, rabinos, xeiques, clérigos, gurus e assemelhados. Igualmente, causa natural rejeição a atitude fundamentalista, intolerante, de algumas congregações religiosas, o que tem gerado inumeráveis guerras, disputas e violência de toda ordem, em flagrante oposição a um dos princípios fundamentais das religiões, que é de que somos todos irmãos. A interpretação ao pé da letra de certas passagens ou as suas diferentes leituras também causam muita discórdia e distanciamento entre grupos religiosos, entre crentes de um mesmo grupo, e entre crentes e ateus ou agnósticos. Muitos dos últimos consideram, já por esse motivo, que não deveria existir religião. Porém, o fanatismo se manifesta em vários setores da atividade humana, como no político e até no esportivo, pelo comportamento das torcidas desvairadas. A religião, surpreendente e infelizmente, inclui-se nessa lista. Satanizar a religião é o mesmo que satanizar os homens, que a compõem e constroem. Há, sim, que se avançar sobre as causas das contradições humanas, e a religião, compreendida para além da superficialidade, como elo entre a criatura e o Criador, ponte entre o imanente e o transcendente, tem a contribuir de forma decisiva para a construção de uma sociedade verdadeiramente fraterna e solidária. Aliás, esse é um de seus principais eixos. Lamente-se a amplitude da capacidade de alguns desses líderes de distorcer o que possa haver de mais sagrado, e de decidir por desvios os mais tortuosos.

Alguns preferem, por conveniência, não acreditar em Deus, pois a possibilidade de existência de uma justiça absoluta e de terem que se defrontar com consequências de atitudes equivocadas os apavora. A perspectiva da impunidade lhes provê o entorpecente que usam para postergar o inevitável exame de consciência. Outros, declaram-se teístas mas muitos de seus comportamentos em nada refletem essa posição. Deixam-se levar de bom grado pelas paixões, pelo egoísmo, pela falsidade. Recusam-se a ver o outro como seu igual, com mesmos direitos e deveres. Mal sabem a que conduzem as incoerências entre o que a si mesmos declaram crer e prometem procurar seguir, e como de fato pensam e agem. Não há tribunal mais rigoroso que o da consciência. O alívio frente à cobrança que mais tarde se faz só se obtém após o alcance da legítima harmonia entre o que se acredita e o correspondente comportamento, na exata proporção.

Note-se, entretanto, que crer em Deus não implica necessariamente em adotar uma determinada religião. O movimento religioso é importante já que o compartilhamento da fé com outros adeptos só a reforça, desde que se esteja sempre cômico de que as pessoas são todas portadoras de deficiências ético-morais que vão do leve ao gravíssimo. Faz parte da condição humana. Com efeito, a “verdadeira” religião não tem rótulo. Ela é simplesmente aquela que é alimentada no interior de cada um, perante a consciência, a qual reflete a presença de Deus no íntimo do crente. É essa relação tão próxima com o Criador o que realmente importa. Enquanto a religião “externa” e seus religiosos podem (ou não) estar maculados por muita hipocrisia e descaminhos. Portanto, a eventual dificuldade de escolha de qual religião abraçar não deve, de forma alguma, obstaculizar a fé.

Enxerga-se no interior do homem e no seio da sociedade uma verdadeira guerra entre o Bem e o Mal. A capacidade discricional, para um lado ou para outro, é corolário do livre arbítrio das pessoas. As más ações e os maus pensamentos são condenados pela Ética, pela Moral, pelas religiões, pelas leis humanas. Enquanto que Deus é tomado como a origem de todo o Bem, vários textos religiosos personalizam o Mal

em um ser ou em seres determinados a desviar os homens do bom caminho, numa verdadeira competição para se apossarem de suas almas<sup>4</sup>). Os que falharem poderiam se tornar presas desses gênios do Mal para sempre, em zonas de perpétuo sofrimento<sup>5</sup>). Entretanto surge aí uma contradição: como poderia Deus, com toda a sua Perfeição e Onisciência, criar tais figuras? Ou, as tendo criado inicialmente para o Bem, como uma verdadeira elite, tenha permitido que algumas se rebelassem e regredissem para o Mal eterno? Isso não faz sentido. Assim, o Mal só pode ser uma alegoria para a ausência temporária do Bem<sup>6</sup>), uma assintonia com o Divino. É como a obscuridade, que se dissolve com a luz. Portanto, deve-se ter em mais alta conta a tarefa da autoiluminação, da busca pelas virtudes, da conscientização de que somos todos irmãos, da completa abstenção a toda forma de violência e preconceito, da higienização dos porões da personalidade. Se se deseja contribuir para a reforma do mundo, cuide-se prioritariamente da renovação de si mesmo. Pela observação das dificuldades do progresso humano, pode-se concluir com segurança que o intervalo de uma vida está longe de ser bastante para que se avance conforme o ideal – o que se constitui em mais um reforço para a tese da reencarnação. A “seta do Bem”, vista coletivamente, é consequência do esforço individual no sentido do engrandecimento espiritual.

Outros esperam manifestações espetaculares para se acreditar em Deus, como se Ele, para demonstrar a sua presença, lhes devesse bradar com voz de trovão: “– Bom dia!”. Contudo, o que de mais intrigante e inspirador poderia haver para se recordar de Deus do que presenciar e viver cotidianamente o nascer ou o pôr do sol, perceber a elegância e o perfume das flores, observar o voo de pássaros e insetos, sentir a brisa suave; do que nos insufla a visão do céu estrelado, os acordes da bela melodia, o gesto de bondade de alguém...

A vida, por vezes, interna-se em trecho acidentado. É-se provado duramente quanto à capacidade de resistir ao descontrole, ao desespero; à tentação das saídas escapistas da bebida, das drogas, do suicídio. Sente-se só, num barquinho, diante de enorme tsunami. Sem a firme convicção de que se trata de distúrbio passageiro, a requerer paciência e tenacidade para ser superado, e a certeza de que um poder maior o regula na precisa extensão das forças, ao mesmo tempo em que vela por todos, a aflição dominaria e beiraria o insuportável. O recurso da oração, considerado por muitos como piegas e sem sentido, predispõe mais eficazmente ao alívio e ao refazimento psíquico. E até mesmo em relação a desequilíbrios somáticos, segundo alguns defendem. É frequente cobrar-se dos céus a resposta que parece não chegar. Entretanto, deve-se questionar se não se porta como criança, que pede a seus pais um caminhão de brinquedos ou um estoque de guloseimas. Rogar a Deus a cura de certa doença ou a imediata cessação de outra dificuldade pode não encontrar eco da forma que se espera. O motivo talvez esteja no papel que esses embaraços deverão desempenhar sobre o engrandecimento da pessoa, em termos de experiência de vida e de revisão de lições de conteúdo cármico. Nada acontece por acaso. Contudo, a resposta certamente virá de outra maneira, por meio de estímulo ao exercício da calma, de fortalecimento da coragem, com consequente

---

<sup>4</sup>Seria o caso de Lúcifer e sua coorte, como narrado no Velho Testamento por Ezequiel e Isaías, embora haja interpretações diversas para os “anjos decaídos”. Numa delas, tratar-se-ia de metáfora para uma migração espiritual forçada, em massa, de almas que entravavam o progresso moral num certo mundo ou em alguns mundos distantes. Sua paulatina incorporação à carente humanidade terrestre, por outro lado, teria trazido enormes benefícios, pela contribuição decisiva para o avanço civilizatório dos últimos milênios.

<sup>5</sup>Por exemplo, conforme a descrição de Dante Alighieri em “A Divina Comédia”, com as ilustrações marcantes de Gustave Doré, adicionada à contribuição pictórica de Hieronymus Bosch.

<sup>6</sup>Ver nota 2.

renovação da esperança e do otimismo, sob nova perspectiva. Os crentes contam inegavelmente com recursos extras diante de adversidades. Os reencarnacionistas, em particular, dispõem de argumentos adicionais para as superar, advindos do amplo descortino com que contemplam o passado e o presente, e com a certeza com que bem esperam o futuro sem fim. São reforços para não tombarem para a vala da depressão e do pânico, sob o acicate de tragédias, reais ou imaginárias. A fraternidade e a solidariedade são-lhes espontâneas, pois não se deixam levar por preconceitos de qualquer espécie que tanto distanciam as pessoas: de classe social, de etnia, de ideologia, de crença, de gênero.

Aceite-se ou não, gravitamos, todos, para Deus, em trajetória infinita, desde nossa criação espiritual, cuja época não se sabe determinar. Deus é a mais elevada concepção do pensamento, a fonte de inspiração para os sentimentos mais profundos, o porto onde ancora a razão. O amor e a sabedoria divina apresentam-se por toda a parte. Em especial, guarda-se Deus dentro de si e sua presença pode ser sentida, como o mais precioso bem. Nem sempre se respirou neste belo mundo. Nesse sentido, somos todos ET's. E nem sempre se teve consciência de si. Nossas raízes perpassam os minerais e os vegetais. Somos parte de uma humanidade universal e a vida, em múltiplas e inimagináveis formas, floresce por toda parte, assim como a inteligência. O grande objetivo, projeto para a eternidade, é compreender e amar a Deus de forma cada vez mais ampla e próxima, e o mesmo com relação aos semelhantes e à natureza, que é obra, direta ou indireta, de Deus.

Satisfeitas a perfeita justiça e as conveniências de ordem espiritual, escreve-se o amanhã sob o exercício no presente do livre arbítrio. Portanto, não é fortuita uma boa parte dos eventos mais importantes da vida. O mecanismo que materializa o chamado “acaso” é complexo e foge à compreensão. Apesar disso, cada pessoa poderá se recordar de várias situações intrigantes, com indicações de que tenham acontecido “coincidências” inexplicáveis, sincronismos inesperados[8]). Mas é certo que, como tudo, não fogem ao controle da onisciência e providência divinas.

Crer ou não na existência de Deus é uma questão de foro íntimo. Reconhecer-se, em essência, como imortal, também. Estariam os incréus em “desvantagem” em relação aos crentes, no caso de estarem enganados? Têm-se deficiências e fraquezas, não importando a posição que se adota em relação à fé. Entretanto, conforme já comentado, há indicações fortes de que os crentes estão municiados de mais diversas razões para suportarem as agruras da vida com estoicismo e, conseqüentemente, de mais recursos para as superar. Todos desejam ser felizes. Para muitos a felicidade parece inalcançável, em função de múltiplos obstáculos com que se deparam e, principalmente, de como estabelecem as condições para se sentirem felizes. Sem a visão mais larga de uma existência sem fim, a vida pode se tornar um suplício de amarguras, pela ausência de perspectivas e, conseqüentemente, de esperança. O período de uma vida é demasiado curto para se atingir a luz da sabedoria e os excelsos prazeres da bem-aventurança. O quanto há para se burilar a personalidade? Para os crentes existem, em síntese, dois objetivos a serem buscados: dedicar-se ao amor a Deus e ao amor aos homens. Que têm como corolário o aprofundamento na ética e na moral, o conhecimento do Bem e sua incorporação à personalidade e às ações. Embora o amor a Deus esteja fora de cogitação para os não crentes, o segundo é perfeitamente cabível e desejável, com o exercício seguro de boas práticas. Tanto quanto para os crentes. E é inegável que ao se buscar sinceramente amar os homens, está-se também amando a Deus. Portanto, os não crentes não são, por necessário, mais propensos a portar deficiência que os crentes. Sendo Deus a fonte de todo o amor, todos os que com amor tratam os homens atuam como verdadeiros agentes do Criador. O que leva a se concluir que o autêntico amor

aos homens conduz naturalmente a Deus, crentes e incrédulos. Por outro lado, os que se declaram crentes e que exploram a boa fé e praticam em nome de Deus toda sorte de impropriedades e ignomínias contra os homens, demonstram ser os verdadeiros incrédulos. Que profundidade tem o poço que cavam para si?

Não se prova a existência de Deus, pelo menos de uma maneira que a todos convença sem contestações. O tema não se encaixa no escopo da Ciência que, portanto, em nada pode auxiliar, embora, ao ler os livros da Natureza, revele paulatinamente suas maravilhas e, por conseguinte, a sabedoria do Criador. Não obstante, apresentam-se argumentos que indicam a sua existência. O que convence o crente é o sentimento de sua presença dentro de si, em sua vida, no universo. O não crente afirma nada sentir e considera a hipótese como inteiramente dispensável e até absurda. Contrapõe argumentos para firmar a sua posição. Porém muitos deles são gerados por equívocos, pela falta de entendimento em vista das diferentes imagens com que cada um concebe e cultua a Divindade, e por dificuldades apenas aparentemente insuperáveis. Como é o caso da questão da providência divina diante das misérias do mundo. Em muitas situações, o certo seria o não crente perguntar-se em que Deus não crê. Pois o conceito que se tem de Deus não é único entre as pessoas e nem deve ser estático. Amplia-se, aperfeiçoa-se e enriquece-se com o passar do tempo. O que é perfeitamente esperado para a criatura de compreensão limitada, diante do Criador Infinito. Como dito, em última instância trata-se de questão de foro íntimo. O tema é de importância crucial na vida, pelos reflexos que certamente ocasionam na maneira de encará-la, de pensar e de agir e, por isso, não pode ser ignorado. Com a mesma prioridade deve ser tratada a questão da existência da alma e da imortalidade.

Há que se considerar, entretanto, que um Universo sem Deus, e sem a alma, terá uma existência um tanto inglória. Surgido, pelo que se sabe, materialmente do Nada, foi possível por um processo inteiramente incompreensível a transição da matéria bruta à Consciência e à Inteligência. Independentemente de possíveis cenários para o futuro distante (Big Rip – expansão rápida do Universo, a um ponto suficiente para separar as partículas do átomo; Big Freeze – expansão com “apagão” das estrelas e consequente resfriamento geral em direção a zero kelvin; Big Crunch – contração a uma singularidade, isto é, um Big Bang às avessas), não se espera que a vida, como a conhecemos, possa continuar viável em qualquer parte do Universo e, conseqüentemente, o mesmo para a Consciência e para a Inteligência. Nenhum de seus traços restará. Debalde procurar, portanto, pelo sentido da existência, ou saber de onde viemos e para onde vamos. Menos significativo se torna apreciar a Beleza. Todos os princípios basilares como de Amor, Justiça, Ética e Moral tornam-se intrinsecamente efêmeros, e alguém que detenha a força e o poder considerará eventualmente possível tomá-los como maleáveis, ao gosto de seus interesses momentâneos e caprichos. Desse modo, perde-se amplamente o caráter essencial dos parâmetros – para alguns, não haveria por que impor conseqüências para quem os ofenda, entronando-se a impunidade. E nem obrigação alguma, para os últimos, de responderem perante si mesmos. Sem Deus não há, a rigor, princípios absolutos.

Em contraste, tem-se que a marcha é interminável. Os horizontes, amplos, ilimitados. Multidões incontáveis à frente, multidões incontáveis à retaguarda. Não importa a posição em que se encontra. Importa avançar, nunca estacionar. Em essência não se perece jamais, a imortalidade é inestimável herança. O Universo é muito mais do que no presente consegue-se vislumbrar. Quantas maravilhas ainda conserva, para deleitosamente surpreender? Se há uma fatalidade, é a que todos, numa só irmandade, abraçarão a Luz. Ela a todos aguarda, paciente.



### 3 AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Prof. Olavo Leopoldino da Silva Filho e a Ismael Pimenta Portilho, por comentários críticos que ajudaram a enriquecer o texto, e ao Dr. Adison Lengruher do Amaral pelo incentivo permanente para que eu escreva.

### References

- [1] Carl R. Rogers, “Tornar-se Pessoa” (Martins Fontes, 1976). O psicoterapeuta da nova “abordagem centrada na pessoa” reconheceu a presença do “sentido positivo” na psique humana: “(...) a lição é simplesmente esta: a experiência mostrou-me que as pessoas têm, fundamentalmente, uma orientação positiva” (p. 38).
- [2] Carlo Filice, “The Moral Case of Reincarnation”, *Religious Studies* 42, 45–61 (2006) (Cambridge University Press). O autor confronta os esquemas deístas de “vida única” e de “vidas múltiplas”, com respeito a questões tais como o problema do mal e a aparente injustiça cósmica.
- [3] Carl R. Rogers, “Um Jeito de Ser” (Editora Pedagógica e Universitária-EPU, 1983). O psicoterapeuta atualizou, a um certo momento, a edição dessa obra, para rever suas concepções até então ali expressas sobre a morte e a continuação do espírito, em função de experiências por quais ele e sua esposa passaram em 1979 com um suposto sensitivo (p. 30).
- [4] Ian Stevenson, “20 Casos Sugestivos de Reencarnação” (Difusora Cultural, 1970).
- [5] Raymond Moody, “Coming Back: a Psychiatrist Explores Past-Life Journeys” (Bantam Books, 1991); Winifred Blake Lucas (ed.), “Regression Therapy: a Handbook for Professionals” (Deep Forest Press, 1993).
- [6] Eben Alexander III, “Uma Prova do Céu – a Jornada de um Neurocirurgião à Vida Após a Morte” (Sextante, 2013).
- [7] João Paulo II, Encíclica *Fides et Ratio*: “A fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva à contemplação da verdade”.
- [8] Pierre Weil, “Lágrimas de Compaixão – e a Revolução Silenciosa Continua!” (Editora Pensamento, 1999). Um dos nomes da “Psicologia Transpessoal”, o autor relata, entre outras coisas, sua transferência para o Brasil, a criação da UNIPAZ em Brasília-DF, e alguns exemplos desses “sincronismos” em sua vida.